

Efeitos da pandemia de covid-19 na saúde mental

José Márcio Vargas¹

Susana Marília Barbosa Galvão²

RESUMO

Este artigo tem como objetivo identificar o conhecimento exposto na literatura sobre os efeitos da pandemia de COVID-19 na saúde mental das pessoas. Trata-se de um estudo bibliográfico descritivo. Diante dos achados extraídos dos estudos selecionados, percebeu-se que a noção do relacionamento mente-corpo embora dominante na cultura, necessita continuar sendo estudada para aprofundar o impacto da doença e a natureza da resposta individual à complexidade da experiência interior.

Palavras-chave: Pandemia. Saúde. Doença

INTRODUÇÃO

A COVID-19, nome da síndrome respiratória ocasionada pelo novo coronavírus, foi inicialmente detectada em 2019 na cidade de Wuhan, capital da província da China Central. Ela atingiu as pessoas em diferentes níveis de complexidade, sendo os casos mais graves acometidos de uma insuficiência respiratória aguda que requer cuidados hospitalares intensivos - incluindo o uso de ventilação mecânica.

Baseada numa visão comum, a saúde começou a ser conceituada como um equilíbrio para toda e qualquer pressão que as dimensões humanas exercem umas sobre as outras, entendendo a doença como uma ruptura deste equilíbrio.

Neste cenário pandêmico de COVID-19 é importante salientar que devido ao seu avanço rápido e com informações variadas recebidas dos vários meios de comunicação, tem-se um ambiente desfavorável com dúvidas, incertezas e medos impulsionadores que podem provocar um adoecimento nas pessoas, podendo gerar consequências graves na saúde mental.

¹ josemarciovargas@hotmail.com- Faculdade Patos de Minas-Brasil

² phd.fics@gmail.com- Facultad Interamericana de Ciencias Sociales, Paraguay

Vargas, J.M., Galvão, S.M.B; Efeitos da pandemia de covid-19 na saúde mental. Revista Portuguesa de Ciências e Saúde V.2, Nº1, p.12-23, Jan/Jul. 2020. Artigo recebido em 05/05/2021. Última versão recebida em 01/07/2021. Aprovado em 10/08/2021.

É preciso repassar a população, informações verídicas transmitidas por veículos governamentais oficiais, com a finalidade de reduzir as consequências na saúde mental dos indivíduos, o que pode provir de uma redução na ansiedade e menor dúvidas sobre a pandemia.

Davidovich (2020), considera que a experiência do ser humano é individual, e que as singularidades psíquicas e as doenças mentais surgem na vulnerabilidade biológica, das experiências individuais e de condução ambiental que no momento são desfavoráveis.

2. NATUREZA HUMANA E SAÚDE HUMANA

Torna-se cada vez mais imprecisa e limitada a concepção de saúde, conhecida como ausência de doença. Segundo Remen (1993) a saúde é vista como uma abordagem quantitativa limitando-se ao número de consultas feitas, da quantidade de sofrimento e limitação física experimentados. “ Viver mais não significa viver melhor [...] pode-se ter menos doenças e não nos sentirmos mais saudáveis” (p.45).

A qualidade de vida de acordo com Remen (1993) é influenciada pelo bem estar físico, mas não depende dele. As pessoas saudáveis parecem capazes de lidar de forma criativa com suas mudanças físicas e psicológicas, mesmo nestes momentos de pandemia onde as pessoas estão preocupadas, mais estressadas e muito queixosas com suas rotinas.

Jorge Forbes em sua obra “ Você quer o que Deseja” (2004) aborda a queixa como um sintoma de cultura social, ou seja, “quem tem menos queixa sempre encontra um parceiro” (p. 09) porque a queixa é solidária, serve como motivo de conversa.

Segundo Forbes (2004) a queixa deveria ser a verdadeira razão que justifique uma dor ou um mal-estar, mas não costuma ser assim. A expressão da queixa é exagerada indo além da dor ou seja, alcançando o sofrimento. “ A causa primordial de toda queixa é preguiça de viver. Viver dá trabalho [...] surge a cada minuto um fato novo, uma surpresa, um inesperado que exige correção de rota na vida. (FORBES, 2004, p.10).

Se considerar que a queixa nem sempre é falta de saúde, o reconhecimento de que muitos fatores influenciam a saúde e nem sempre é doença, retrata este momento pandêmico do COVID-19 que atravessa o mundo inteiro.

O foco recente de atenção sobre a saúde no sentido de compreendê-la baseia-se consciente ou inconscientemente numa concepção de ser humano.

De acordo com Remen (1993) a concepção de natureza humana influencia na capacidade de compreensão dos problemas humanos. Por meio da experiência interior e observação dos outros é que cada um desenvolve a percepção do que se pode ser. “A habilidade para se reconhecer e mobilizar todos os recursos para estimular a saúde pode exigir um esforço para compreendermos a nós mesmos e aos outros, tanto cognitiva quanto intuitivamente” (REMEN, 1993, p. 47).

É importante lembrar que o homem é mais do que um ser físico, possuindo um mundo interior que é preciso de desvendar.

Para Remen (1993) a relação mente, corpo e sentimentos é dinâmica, onde cada parte é capaz de afetar e influenciar as outras. “A saúde começou a ser conceituada como um equilíbrio para a pressão que essas dimensões humanas exercem umas sobre as outras, com a doença como a ruptura do equilíbrio, afetando os três aspectos da pessoa” (p. 48).

Se for pensado que algumas doenças são provocadas ou agravadas pelo conflito entre os objetivos e perspectivas, pelo desencontro entre mente, corpo e sentimentos, ficará claro o entendimento porque as pessoas adoecem.

De acordo com Remen (1993) os cuidados com a saúde são potencialmente eficazes à medida que a visão da natureza humana for abrangente e inclusiva.

No século XX, Freud por meio da Psicanálise, resgata a importância dos aspectos internos do homem. Apesar de não ter se aprofundado como os estudos sobre a histeria, reconhece os aspectos psíquicos em algumas manifestações somáticas, pensando-se assim, na interação entre o psíquico e o somático a partir da psicanálise.

Valente e Rodrigues (2010) entendem o psiquismo em sua relevância, a ponto de afirmarem que se este é deficiente tanto emocionalmente como simbolicamente, desorganiza-se progressivamente diante de um distúrbio.

Importante lembrar que os sentimentos não precisam estar reprimidos para provocar efeitos físicos como ansiedade, medo ou tristeza. Ser uma pessoa mental, uma pessoa física ou uma pessoa emocional determina como se enfrenta a doença e a vida em geral.

3. FATORES DESENCADEADORES DE DOENÇAS MENTAIS

Vive-se recentemente antes do ano de 2021 uma verdadeira síndrome do “sem limite”. Mas para Forbes o risco existe desde sempre, mesmo nas situações bem planejadas.

Com a pandemia do COVID-19, as pessoas em sua maioria, estão amedrontadas, assustadas, e algumas adoecendo com a doença física e outros com doenças desencadeadas pelo desespero de serem contaminadas.

A pandemia COVID-19 tem causado um impacto profundo e inesperado nas pessoas e para prevenir a disseminação grave nas comunidades, houve uma grande necessidade de isolamento social como afirma De Lima Gasque et al., (2020), cabendo aqui a metáfora de Carlos Drumond de Andrade, onde “tem uma pedra no meio do caminho, no caminho tem uma pedra” e sendo assim, não é possível simplesmente tirá-la do lugar ou atirá-la porque há o risco de ir junto.

Com estes acontecimentos no mundo, tem-se falado com frequência nos meios de comunicação sobre o “novo normal”. Mas afinal, o que é normal e anormal?

Aquilo que é normal, apesar de ser normativo em determinadas condições, pode se tornar patológico em outra situação, se permanecer inalterado. O indivíduo é que avalia essa transformação porque é ele que sofre suas conseqüências, no próprio momento em que se sente incapaz de realizar as tarefas que a nova situação lhe impõe. [...] devemos dizer que o estado patológico ou anormal não é conseqüência da ausência de qualquer norma. A doença é ainda uma norma de vida, mas uma norma inferior, no sentido que não tolera nenhum desvio das condições em que é válida, por ser incapaz de se transformar em outra norma. O ser vivo doente está normalizado em condições bem definidas, e perdeu a capacidade normativa, a capacidade de instituir normas diferentes em condições diferentes. (CANGUILHEM, 2009, p.59).

A saúde do ponto de vista da norma biológica, o estado patológico não seria ser normal em seu sentido absoluto mas anormal apenas na relação com uma determinada situação. “Permanecemos normais, com um só rim, em determinado meio e em determinado sistema de exigências. Mas não podemos mais nos dar ao luxo de perder o outro rim, devemos poupá-lo e nos poupar”. (CANGUILHEM, 2009, p. 64).

Devido ao caráter valorativo e contextual das noções do normal e do patológico, a psicopatologia carece de critérios objetivos e quantitativos.

O processo saúde-doença, portanto, sofreu uma mudança de paradigma:

[...] retirou o 'sintoma' da passividade como fenômeno natural, e ele passou a ser então o significante da própria doença. Foucault aponta que algo na natureza do sintoma indicava agora o patológico, por sua oposição a um fenômeno da vida orgânica (SEIXAS; BIRMAN, 2012, p. 16).

A pandemia do COVID-19 tem sido uma grande impulsionadora de doenças, sejam elas físicas ou de outras naturezas. Até meados de abril de 2020 haviam sido contabilizados mais de dois milhões de casos notificados e quase 150 mil mortes no mundo, com os Estados Unidos (EUA) liderando a quantidade de óbitos (mais de 25 mil). A facilidade de propagação, a falta de conhecimento sobre o vírus e o aumento exponencial do número de contágios fizeram com que a Organização Mundial de Saúde (OMS) elevasse a doença ao *status* de pandemia em março de 2020. (WHO, 2020).

O Brasil, na terceira semana de abril de 2020, havia ultrapassado trinta mil casos confirmados, com mais de 1.500 mortes e taxa de mortalidade em torno de 5,5%. O país vivia o período inicial da crise, com elevado grau de subnotificação - principalmente pela baixa quantidade de testes realizados na população até então - e ainda buscava reestruturar seu sistema de saúde para comportar o maior número de doentes possível (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2020).

Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), ao menos 18,6 milhões de brasileiros, cerca de 9% da população, sofrem de algum transtorno de ansiedade, atualmente.

No campo da saúde mental tem-se muitos avanços. Extinguiu-se o modelo manicomial onde as pessoas com transtornos mentais eram abandonadas e a psiquiatria ganhou uma nova roupagem. Esta, antes do SUS (Sistema Único de Saúde) no Brasil, era oferecida somente em hospitais psiquiátricos absorvendo 97% do orçamento da assistência psiquiátrica com a incumbência de apenas renovar as receitas de medicamentos.

De acordo com Rodrigues et al., (2011) as mudanças surgiram quando a sociedade começou a participar de conferências sobre a saúde e saúde mental pelos Conselhos Municipais e Estaduais reivindicando uma mudança no modelo assistencial.

Surgiram os Centros de Atenção Psicossocial (CAPS), Centros de Convivência e projetos voltados para a saúde da família. A psiquiatria com o modelo de exclusão e segregação, deu espaço a uma clínica voltada para os sujeitos, a sociedade inclusiva e cidadã.

Freud já havia problematizado as categorias saúde/doença e normal/patológico. Seus estudos e pensamentos oscilavam de acordo ao vivido em cada época. Ele não formalizou esta diferenciação em leis epistemológicas.

Não mais consideramos que a saúde e a doença, ou que os normais e os neuróticos se diferenciem tanto um dos outros e que traços neuróticos devem necessariamente ser tomados como sendo prova de uma inferioridade geral. [...] os sintomas neuróticos são estruturas que funcionam como substitutos para algumas consequências de repressão, à qual devemos submeter-nos no curso de nosso desenvolvimento, desde a infância ao ser humano civilizado. [...] todos nós produzimos essas estruturas substitutivas. (FREUD, 1996[1910], p. 136,

De acordo com Canguilhem (2009) a saúde é entendida como a capacidade de criar nomes para superar obstáculos e a doença como a fixação a uma só norma que impede o exercício da normatividade mencionada. “[...] Qualquer história a seu respeito, deve, portanto, começar por uma descrição das influências que determinaram sua origem, e não desprezar a época e as circunstâncias que precederam sua criação”. (FREUD, 1996[1923], p. 215).

Imaginava-se com Freud (1930) diante a inúmeras facetas proporcionadas pela tecnologia seria esta por meio de seus inúmeros artefatos responsável pela redução do sofrimento psíquico, com os fármacos sendo apresentados como eliminadores deste mal-estar trazendo conforto ao corpo e a mente. Mas foi preciso que a psicanálise resgatasse este sujeito

Dessa forma, cada indivíduo apresentaria uma sintomatologia com fortes traços que lhe são próprios, particulares, de tal forma que a psicossomática deve ser pensada a partir do sujeito, e não a partir da doença (VALENTE; RODRIGUES, 2010). Desta forma, o sujeito deveria ser entendido a partir do lugar onde se encontra e o lugar que ocupa em sua existência.

Segundo Wilkinson (2006) falar de sofrimento social não significa apenas mencionar a origem social da pandemia, nem das estratégias de distanciamento e isolamento, mas conhecer as circunstâncias sociais e os aspectos que mediam o mal-estar.

a) Fatores ambientais e genéticos

Inicialmente, é preciso entender se um determinado fator atua devido às questões ambientais ou genéticas. De acordo com Andrade et al., (2011) os transtornos mentais surgem a partir de diferentes estilos de vida. Mas nem todas as pessoas expostas a situações estressantes desenvolvem transtornos.

A resposta de um indivíduo às agressões ambientais tem relação com a sua constituição genética, com variações ocorridas em diferentes áreas do cérebro (emoções, cognição, memória e comportamento).

Sá et al., (2010) em seus estudos mostraram que os fatores ambientais estão relacionados com os hábitos de vida, vínculos familiares e situação sócio-econômica. O uso de narcóticos e outros agentes psicotrópicos também tem uma influência direta na saúde mental.

Os fatores ambientais exercem forte e constante influência sobre nossas atitudes e nossas escolhas diárias, tanto externa quanto internamente, isto é, como nos sentimos e enxergamos a nós mesmos. As reações a cada estímulo ambiental se darão de acordo com a estrutura psíquica de cada pessoa, e essa estrutura psíquica estará intimamente ligada às experiências que a pessoa teve durante a vida. Assim se estabelece uma relação circular entre todos os fatores geradores de transtorno mental onde um ocasiona o outro. (BRASIL, 2003, p. 41).

Há situações em que o genótipo do indivíduo altera o efeito da exposição que um estressor ambiental provoca em relação ao desenvolvimento de transtornos mentais, ou seja, fatores genéticos atuam como moderados do efeito de eventos adversos.

Os desvios de conduta são manifestados por comportamentos repetitivos e rebeldia às normas e padrões sociais, manifestados de forma agressiva e desafiadora. Tem-se aqui um comportamento típico de adolescentes que desafiam as normas estabelecidas para evitar o isolamento social em tempos de COVID-19.

Segundo Kapiczinsk, Quevedo e Izquierdo (2000) é importante o conhecimento da estrutura e do funcionamento do sistema nervoso, levando em consideração as suas bases bioquímicas, a sua fisiologia, e os seus correlatos químicos. A gênese das doenças mentais é atribuída ao papel dos neurotransmissores com as enfermidades de depressão, transtorno obsessivo compulsivo, ansiedade, anorexia, entre outros.

Menezes e Melo (2010), estudando crianças e adolescentes relatam que os fatores ambientais influenciam os distúrbios emocionais ultrapassando as travessuras e rebeldias próprias da idade. Os desvios de conduta manifestados por comportamentos

repetitivos e rebeldia às normas e padrões sociais, tem sido frequentes. Tem-se também os transtornos alimentares com alterações fisiológicas e metabólicas (PINZON et al., 2004).

Boa parte dos esforços das autoridades de saúde pública e dos veículos de comunicação durante as epidemias tem envolvido a compreensão dos efeitos físicos e biológicos da doença, revelando pouca, ou quase nenhuma, atenção às questões da saúde mental.

b) Fatores Sociais

De acordo com Brasil (2003) existe uma relação estreita entre transtorno mental e a exploração da força de trabalho, a miséria, condições insalubres dos ambientes, alto índice de desemprego, estresse, relações familiares conflituosas, violência, entre outros, que deixam as pessoas no limite

Atualmente, considera-se que existe uma relação estreita entre transtorno mental e a exploração da força de trabalho, as condições insalubres dos ambientes, o viver na linha da miséria, o alto índice de desemprego, as relações familiares, o estresse, a violência e a sexualidade mal resolvida como causas. Enfim, são “pequenas e grandes” coisas que a qualquer momento nos deixam no limite entre a sanidade e a loucura. (BRASIL, 2020, p.22).

É fator de preocupação as medidas utilizadas no combate ao COVID-19 como o afastamento das pessoas com amigos e familiares. Certamente que o pressuposto de manter as pessoas sem contato com outras pessoas diminui a probabilidade de contaminação mas este distanciamento pode ocasionar impacto na saúde mental das pessoas.

Os transtornos mentais mais comuns são: transtorno de humor (inclui a depressão e o transtorno bipolar), transtorno de ansiedade (ansiedade generalizada, fobias, obsessão e compulsão e transtorno do estresse pós-traumático), dependência química (relacionados a dependência ao álcool e outras drogas), esquizofrenia e transtorno de personalidade. Tais transtornos afetam um grande número de pessoas e, segundo dados da Organização Mundial de Saúde (OMS), de 31% a 50% da população brasileira pode vir a apresentar pelo menos um episódio de transtorno mental durante a vida. “No entanto, a prática aponta o período de resistência pelo qual as pessoas passam antes de se sentirem “obrigadas” a procurar ajuda, ressaltando-se o fato de que algumas jamais a procuram”. (BRASIL, 2003, p. 30).

d) Fatores emocionais e psicológicos

Considerando que todos os fatores se influenciam entre si, quando se trata de fatores emocionais ou psicológicos estes estão ligados a formação de identidade que são também influenciados pelos aspectos físicos, ambientais e genéticos.

De acordo com Brasil (2003) cada um ao nascer traz uma história de vida, que à medida que cresce, sofre influências negativas ou positivas das pessoas que tem à sua volta, para interagir com o mundo. Estas interações experimentadas com o mundo e com as pessoas, constituem a sua personalidade.

Repetição constante de exposições à frustração, por períodos mais prolongados, pode levar o indivíduo, no futuro, a desenvolver uma série de transtornos mentais. Alguns autores identificam aí as raízes emocionais das psicoses e da famosa síndrome do pânico (BRASIL, 2003, p. 43).

As estratégias de afastamento social podem influenciar nos sentimentos de tédio, solidão, desamparo, depressão e outros que poderão apresentar maior exaustão como ansiedade, irritabilidade, baixa concentração, etc. Não se tem registro de quando as pessoas poderão voltar ao trabalho e ao convívio social como foi um dia. Não se sabe no futuro quais as consequências sofridas pelas pessoas que foram acometidas pelo COVID-19.

Tal enunciado encontra eco nas propostas relacionadas ao “Paradigma da Complexidade”, defendidas por Morin (1996). Elas revelam a concepção de homem como um conjunto de incertezas que busca elementos para auto-atualização, mas que logo se percebe em meio a ambigüidades próprias da natureza humana. A propósito, entende-se complexidade como “um todo mais ou menos coerente, cujos componentes funcionam entre si em numerosas relações de interdependência ou de subordinação, de apreensão muitas vezes difícil para o intelecto Houaiss” (2001, p. 776).

E, segundo Morin (1996, pp. 274-287),

[...] o termo complexidade reafirma uma relação de indissociabilidade, o homem implicado nesse todo mais ou menos coerente, vinculado a inúmeras teias que estabelecem elos quase imperceptíveis, mas integrantes do humano, constituindo-o como sujeito em relação ao outro e a si mesmo. Nesse contexto, ele se posiciona, se reorganiza constantemente, questiona a própria postura.

CONCLUSÃO

Entende-se com o que foi apresentado por meio da literatura que o transtorno mental causa um sofrimento profundo a quem sente e aos demais com os quais se relaciona, amigos e familiares.

Os fatores geradores de transtorno mental funcionam como um todo, ou seja, vários fatores influenciam ao mesmo tempo por estarem interligados às escolhas e comportamentos. Várias podem ser as causas para que uma desenvolva um transtorno mental. Nem todo sintoma está relacionado a um transtorno mental.

Por isto, é importante conhecer do indivíduo para entender quais fatores podem estar exercendo influência no momento atual de seu transtorno. Importa lidar com a história de cada paciente para conhecer e avaliar os sintomas a serem tratados.

O atual cenário de saúde mental com a pandemia do COVID-19 preocupa os profissionais de saúde. Os esforços imediatos precisam ser empregados em todos os níveis e nas diversas áreas do conhecimento, para minimizar os resultados negativos de saúde mental da população.

REFERÊNCIAS

- Andrade, R. C.; ASSUMPCAO JUNIOR, F.; TEIXEIRA, I. A.; FONSECA, V. A. S. *Prevalência de transtornos psiquiátricos em jovens infratores na cidade do Rio de Janeiro (RJ, Brasil): estudo de gênero e relação com a gravidade do delito*. Ciênc. saúde coletiva [online]. 2011, vol.16, n.4, pp. 2179- 2188. ISSN 1413-8123.
- Brasil. *Ministério da Saúde*. Secretaria de Gestão do Trabalho e da Educação na Saúde. Departamento de Gestão da Educação na Saúde. Projeto de Profissionalização dos Trabalhadores da Área de Enfermagem. Profissionalização de auxiliares de enfermagem: cadernos do aluno: saúde mental / Ministério da Saúde, Secretaria de Gestão do Trabalho e da Educação na Saúde, Departamento de Gestão da Educação na Saúde, Projeto de Profissionalização dos Trabalhadores da Área de Enfermagem. - 2. ed., 1.a reimpr. - Brasília: Ministério da Saúde; Rio de Janeiro: Fiocruz, 2003.

- Brasil. *Ministério da Saúde*. <https://www.saude.gov.br/saude-de-a-z/coronavirus>. Acesso em 11/03/2020
- Brasil. Ministério da Saúde (MS). *Painel coronavírus* Atualizada em 08 de maio de 2020. [acessado 2020 Maio 9]. Disponível em: <https://covid.saude.gov.br/>
- Canguilhem, G. *O normal e o patológico*. Forense Universitária: Rio de Janeiro, 2009
- Forbes, J. *Você quer o que deseja?* 4ª ed. São Paulo: Nova Cultural, 2004
- Freud, S. (1992b) *Sobre el sentido antitético de las palabras primitivas*. In Obras completas (vol. 7). Buenos Aires, Argentina: Amorrortu., 1996 (Trabalho original publicado em 1910).
- Freud, S. (2007). *O Eu e o Id*. In Escritos sob a psicologia do inconsciente (vol. 3). Rio de Janeiro, RJ: Imago, 1996 (Trabalho original publicado em 1924).
- Houaiss, A., & Villar, M. S. (2001). *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva
- Kapiczinsk, F; Quevedo, J; Izquierdo, I. *Bases biológicas dos transtornos psiquiátricos*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul. 2000. 271 páginas. ISBN-85-7307-598.8
- Menezes, T. T.; MELO, V. J. *O pediatra a e percepção dos transtornos mentais na infância e na adolescência*. *Adolescência & Saúde*. 2010, vol.7, n.3, pp. 38-46.
- Morin, E. (1996). *Epistemologia da complexidade*. In D. F. Schnitman (Org.), *Novos paradigmas, cultura e subjetividade* (pp. 274-287). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Organização mundial de SAÚDE (OMS). *Relatório Mundial de Saúde*. Saúde mental: nova concepção, nova esperança [Internet]. Genebra: OMS; 2001 [cited 2017 Jun 25]. Available from: https://www.who.int/whr/2001/en/whr01_djmessage_po.pdf
- Pinzon, V.; GONZAGA, A. P. ; COBELO, A. ; LABADDIA, E.; BELLUZZO, P.; FLEITLICHBILYK, B. *Peculiaridades do tratamento da anorexia e da bulimia nervosa na adolescência: a experiência do PROTAD*. *Rev. psiquiatr. clín.* [online]. 2004, vol.31, n.4, pp. 167-169. ISSN 0101-6083.
- Remen, R. N. *O paciente como ser humano*. Summus: São Paulo, 1993
- Davidovich. *Revista Pesquisa FAPESQ*. Abril, 2020. Ano 21 N. 290. <http://revistapesquisa.fapesq.br>
- Sa, D. G. F.; BORDIN, I. A. S.; MARTIN, D.; PAULA, C. S. *Fatores de risco para problemas de saúde mental na infância/adolescência*. *Psic.: Teor. e Pesq.* [online]. 2010, vol.26, n.4, pp. 643-652. ISSN 0102-3772.
- Santos, D. C. M.; JORGE, M. S. B.; FREITAS, C. H. A.; QUEIROZ, M. V. O. *Adolescentes em sofrimento psíquico e a política de saúde mental infanto-juvenil*. *Acta paul. enferm.* [online]. 2011, vol.24, n.6, pp. 845-850. ISSN 0103-2100.

Efeitos da pandemia de covid-19 na saúde mental

Seixas, C. M.; BIRMAN, J. *The weight of pathological: bio-politics and bare life*. História, Ciências, Saúde - Manguinhos, Rio de Janeiro, v. 19, n. 1, p. 13-26, 2012

Valente, G.B.; RODRIGUES, A.L. *Psicossomática e Psicanálise: uma história em busca de sentidos*. In: Anais do XVII Congresso Brasileiro de Medicina Psicossomática. Porto Alegre: ABMP-RS, 2010.

Wilkinson, I. *Health, risk and “social suffering”*. Health, Risk & Society, v. 8, n. 1, p. 1-8, March 2006

Who-World Health Organization. Covid. (2020). Disponível em <https://www.who.int/>
Acesso em 18/05/2020.